

INCURSÕES EM TEIAS BERGERIANAS: DES(ORDEM): NIILISMO E CINISMO EM "SALMO 58" E "O CORREDOR"

Gertrudes M^a de Andrade Benetele
Universidade Federal do Espírito Santo

Resumo: Colhendo no ritmo corrosivo da escritura de Marco Beger reflexões sobre os desdobramentos da modernidade, este trabalho intenta observar, a partir do diálogo com Friedrich Nietzsche, Sigmund Freud e MD Magno, nas narrativas "Salmo 58" e "O corredor" o niilismo e o cinismo que as permeiam.

Palavras-chave: Narrativa brasileira contemporânea (Marco Beger); Marco Beger ("Salmo 58 e "O corredor"); Niilismo (análise literária); Cinismo (análise literária).

I - INTRODUÇÃO

*"Sempre que se fala de humanizar o mundo,
equivale a apoderar-se mais do mundo"*

(Nietzsche, La voluntad de poder)

"[...] o que chamamos de nossa civilização é em grande parte responsável por nossa desgraça e que seríamos muito mais felizes se a abandonássemos e retornássemos às condições primitivas"

(Freud, "O mal-estar na civilização")

Essas epígrafes já deixavam entrever, em pleno século XIX, o desânimo do homem frente às verdades absolutas da metafísica ocidental e da ciência, cujos matizes impingiam o repressamento pusional e negavam a vida em prol de uma existência fundida na Ordem, na Razão, na Moral, na Verdade, em Deus, no Progresso. O conhecimento e a técnica deriva-

da da racionalidade cognitivo-instrumental¹, nesse contexto, ao invés de libertar, encarcerou os homens.

No início do século XX, acentua-se a oposição a tal paradigma. Certos pensadores desnudaram os ideais maiúsculos que se ocultavam atrás da cortina. A herança de Prometeu foi por eles enfim decifrada: “é a águia que devora as vísceras de cada um e não a redenção da humanidade”². Destacamos, aqui, o pensamento nietzscheano:

[...] todos os valores pelos quais experimentamos até o presente tornar o mundo avaliável para nós, e pelos quais temo-lo precisamente desvalorizado desde que mostraram inaplicáveis, - sob o ângulo psicológico, todos esses valores são resultados de certas perspectivas de utilidade, estabelecidas para manter e aumentar as criações de domínio humano: mas falsamente projetadas na essência das coisas [...].³

Para Friedrich Nietzsche, os valores vitais do homem foram esvaziados e esterilizados pela razão e pela moral. O mundo moderno para ele é o mundo do nihilismo. Ao conceber o homem como poeta, pensador, Deus, Amor e como Poder, o filósofo vislumbra afirmar no lugar da humildade, da paz e do amor cristão o poder, a força e o amor humano; postula assim, a morte de Deus e com ela a moral e os valores desta derivados, fato que contribuiu para a anacronia dos mitos oitocentistas do progresso em flecha e da emancipação da humanidade pela ciência ou pela revolução: “a razão, instrumento com que o Iluminismo queria combater as trevas da superstição e do obscurantismo, é denunciada como o principal agente da dominação”⁴, lembra-nos Rouanet.

Em breves palavras, a negação dos instintos humanos pela moral (intimamente atrelada ao pensamento racional) foi salutar para garantir a

¹ Conceito cunhado por Boaventura de Sousa Santos, a racionalidade cognitivo-instrumental figura como pilar de regulação - “fruto da gestão reconstrutiva dos défices e dos excessos da modernidade confiada à ciência moderna”, ou seja, esta foi convertida na principal força produtiva passando ao largo a racionalidade moral-prática (ligada ao senso comum) e a racionalidade estético-expressiva (ligada à cultura letrada, humanística). Cf.: SANTOS, Boaventura de Sousa. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2000, p. 55-79.

² SEVCENKO, Nicolau. “O enigma pós-moderno”. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. (et al). *Pós-modernidade*. 5ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 1995, p. 48.

³ NIETZSCHE, Friedrich. *La voluntad de poder*. 10ª ed. Madrid: edaf edit, 2001, p. 41 (todas as citações desta obra é tradução nossa).

⁴ ROUANET, Sergio Paulo. “A verdade e a ilusão do pós-modernismo”. In: *As razões do iluminismo*. 4ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das letras, 1998, p. 230.

formação de personalidades coerentes com as necessidades funcionais do sistema capitalista moderno, conforme observara Freud ao anotar que

[...] A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada [...] é impossível desprezar o ponto até o qual a civilização é construída sobre uma renúncia ao instinto, o quanto ela pressupõe exatamente a não-satisfação (pela opressão, ou algum outro meio?) de instintos poderosos [...].⁵

Assim, concepções como essas corroboraram para abalar os pilares do pensamento metafísico ocidental: as crenças nas grandes idéias, valores e instituições entram em processo de decomposição. O homem, portanto, após trilhar os caminhos doentes e decadentes do paradigma platônico-cristão e do cientificismo, passa, então, órfão, a ditar suas próprias regras humanas. A dimensão da orfandade recrudescer, pois, a perspectiva do niilismo e cinismo contemporâneo.

Um novo cotidiano, estranho ao que figurava na modernidade, emerge na pós-modernidade. Tudo parece fadado à desmaterialização. O sujeito cindido habita uma hiper-realidade, vive sob o peso do simulacro. Trata-se de um “[...] cotidiano em que a máquina foi substituída pela informação, a fábrica pelo *shopping center* [...]. A estética impregna os objetos, para que eles se tornem mais atraentes. O apelo da publicidade estetizada envolve personalização [...] o mundo social se desmaterializa [...]”.⁶

Esse novo cenário joga luz sob o que até então estava recluso às trevas do oculto e do reprimido. A palavra de ordem é visibilidade. Sob a luz implacável de out-doors e neon, vê-se um lugar onde reina o fragmento, o descontínuo, o particular, o corpo e o narcísico e niilista homem pós-moderno. É com esse tipo de homem que nos deparamos na narrativa de Marco Berger.

O niilismo – do latim nihil = nada – significa desejo de nada, morte em vida, descrença em um sentido para a existência, é fruto “da forma como se tem interpretado até agora os valores da existência”⁷. Nietzsche entabula na seqüência a assertiva de que “a crença nas categorias da razão é a causa do niilismo; temos medido [diz ele] o valor do mundo

⁵ FREUD, Sigmund. “O mal-estar na civilização” In: *Obras completas*. V. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1979, p. 118.

⁶ ROUANET, Op. cit., p. 233, nota 4.

⁷ NIETZSCHE, Op. cit., p. 35, nota 3.

por categorias que se referem a um paramento fictício"⁸. Nessa esteira, o cinismo figura como mutação moral que despreza por completo normas e convenções sociais ⁹, delineando uma possibilidade de olhar aquém da razão ocidental.

Na prosa de ficção de Marco Berger, sobretudo nos contos "Salmo 58" e "O corredor", que figuram nos livros *A medida de todas as coisas* (2002) e *Suíte Verde Jaspe* (2005), assoma o niilismo e o cinismo na estruturação da linguagem narrativa, insuflando uma leitura das contradições e desdobramentos da modernidade.

Neste trabalho, intentaremos observar de que forma esta questão se processa no projeto estético bergeriano. Para tanto, recorreremos a pensadores como Nietzsche, Freud, MD Magno. Nesse trajeto, tocaremos em conceitos caros às grandes narrativas - ordem, desordem, sujeira, pureza, corpo, espírito, razão, etc -, os quais são fulcrais para a discussão que ora empreendemos.

II - OS CONTOS

No conto de título homônimo ao salmo 58 da Bíblia, observa-se um cenário de urbanidade permeado de indiferença, hipocrisia, violência, sujeira, desordem e que tem como figura central um narrador que se caracteriza como "um impasse só"¹⁰.

Cabe abrir um parêntese para lembrar que desde Platão, Sócrates e Aristóteles concebe-se a civilização pautada em idéias de equilíbrio, ordem, pureza, espírito. Trata-se de uma concepção que se caracteriza por uma metafísica ascética calcada em mundos ideais ao negar a vivência estética, corporal e instintiva. Não sem motivo, Platão traça uma tripartição do corpo humano, segundo Soares, em alma-cabeça, alma-peito e alma-ventre conferindo à primeira o lugar que abriga o mundo ideal platônico: perfeito, limpo, ordenado. Por essa ótica, na "comparação com o corpo humano, a parte [...], que mais representa o mundo ideal é a cabeça, o

⁸ Ibid, p. 41.

⁹ O Cinismo, doutrina filosófica que tinha como mais ilustre representante Diógenes, prescrevia a felicidade de uma vida natural através de um completo desprezo por convenções sociais e pudores, utilizando de forma polêmica a vida canina como modelo ideal e prático destas virtudes. Cf. MAGNO, MD. "Cinismo – Caminho necessário da contemporaneidade?". In: *LUMINA: Revista da Facom/ UFJF*. V. 4, n. 2, JUL/DEZ, 2001. V. 5, n. 1, JAN/JUN, 2002. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2003, p. 51-52.

¹⁰ BERGER, Marco. "Salmo 58". In: *A medida de todas as coisas*. Vitória: Cultural, 2002, p. 17.

mundo da inteligência abstrata, o mundo da racionalidade cognitiva”¹¹. Nesse caminho, ao rememorar seus impasses e dessabores, no “Salmo 58”, o narrador inquieta-se diante da desordem de seu cotidiano. No entanto, sem “colhão” para reagir as suas agruras, lamenta: “[...] lembrei do Geninho, lembrei dos caras que passaram a mão na bunda de minha esposa, [...] e tive que deixar por isso mesmo. Eram quatro e eu de mãos limpas. Resultado: qual a mulher que acredita num homem que não defende seu território e sua fêmea? Me fodi duplamente [...]”.¹²

É possível notar, aqui, ecos de um anseio por ordenação. A força e a coragem necessárias para realizar tal empreitada provém de uma leitura *nada casual* do salmo 58, cujo conteúdo provoca a tomada de consciência por parte do narrador de que “somente pelas mãos de Deus haveria justiça. Ou ainda, em nome dele”.¹³ Assim, como um anjo vingador, ele sai a lavar os pés do justos no sangue dos ímpios. O narrador bergeriano recorre pois ao âmbito espiritual e sobre-humano para ordenar seu cotidiano, fato que já debuxa uma recusa, por contraposição, ao corpo, ao instinto e ao poder criador do homem: “[...] minhas ações estariam legitimadas pela suprema autoridade do Senhor, no qual depus minhas últimas esperanças, considerando que aqui na terra os ímpios proliferam, o mal estava prevalecendo na história e eu não concordava com o hussitismo. Cansado de ‘dar a outra face’, resolvi fazer a hora”.¹⁴ Nas palavras de Nietzsche, “a religião tem rebaixado o conceito de homem; sua consequência extrema é que tudo o que é bom, grande, verdadeiro é sobre-humano lhe tem sido doado por uma graça...”.¹⁵

Ordem contra instinto. A repressão ao instinto humano impingida pela moral (desdobramento metafísico do pensamento platônico-cristão) é uma negação da vida pois em nada a produz e sustenta. Indubitavelmente, o conteúdo do salmo denota em alto grau juízos morais de valor, reprime a potência criadora do homem, atribuindo-a a um ser sobre-humano e, conseqüentemente, louva os seres cansados. Desse modo, na perspectiva nietzscheana “qualquer valoração moral [...] acaba em niilismo”¹⁶. O amor a Deus é visto portanto, neste sentido, como suporte do débil que

¹¹ A alma-peito na filosofia platônica constitui uma “espécie de memória do mundo ideal”, tudo o que entendemos por realidade e a alma-ventre representa o mundo imperfeito. Cf. SOARES, Luís Eustáquio. “Mimesis, alteridade e pobreza”. In: *Contexto*. Programação de Pós-graduação: Mestrado em Estudos Literários. – Ano XIII, n. 12. Vitória: Ufes, 2005, p. 18.

¹² BERGER, Op. cit., p. 18-19, nota 10.

¹³ *Ibid*, p. 19.

¹⁴ *Ibid*, p. 19-20.

¹⁵ NIETZSCHE, Op. cit., p. 122, nota 3.

¹⁶ *Ibid*, p. 44.

concede a outrem o poder de reorganização da existência terrena, de modo que os Bons se regozijarão; os Maus padecerão. Ora, após ler no salmo: “o justo há de alegrar-se porque viu a vingança, e no sangue dos ímpios poderá lavar os seus pés [...] há um Deus que faz justiça sobre a terra”¹⁷, o narrador bergeriano transfigura-se: “seguro”, “competente”, “obstinado”, “hussardo” são os adjetivos que passam a caracterizá-lo. Para instaurar a ordem o executor da justiça divina cinicamente sai a barbarizar e a matar por motivos vis: “Travei a porta, o 38 já estava no meio das pernas [...]. Tentou impedir que eu levantasse o vidro. A primeira bala deve ter se alojado no pulmão esquerdo [...]. E se alguém ouviu ou viu não vai fazer a mínima diferença [...]. Naquela noite *rezei fervorosamente. Agradei pela dádiva e fui dormir.*”¹⁸

O sentido de ordem aludido e o de pureza são heranças do pensamento racional. Tudo quanto figura como sujo e impuro é, dentro desse paradigma, rechaçado e varrido para debaixo do tapete. Freud já salientara que, além da beleza, a civilização espera “ver sinais de asseio e ordem. [...] A sujeira de qualquer espécie nos parece incompatível com a civilização. [...] Isso é igualmente verdadeiro quanto à ordem”¹⁹. A ordenação empreendida pelo narrador bergeriano é, ironicamente, às avessas: em nada afirma a vida; tampouco felicidade²⁰. Em sua postura, Berger expõe o cinismo que cinge o homem.

O cinismo, aliás, é força motriz no “Salmo 58”. O narrador-protagonista, que inicialmente coloca-se como inviabilizado, chegando a tecer críticas a outro personagem, Geninho, “gente da pior espécie”²¹, e, em seguida, exprime-se como um homem possuído pela fé, aquele que terá condições de garantir que os ímpios padecerão, revela-se cinicamente o substituto daquele e do personagem Deolindo Chagas, cujas ações figuram, na narrativa, fora da ordem. Não por acaso, os dois últimos personagens denotam instância de força instintiva. O modo como o narrador refere-se a eles demonstra certa inveja e desejo de se igualar (“Por ele até que eu nutria certa admiração, pois o cara era peitudo, não tinha medo de porra nenhuma e mandava bala mesmo”²²) - sobretudo ao anotarmos sua insegurança no início da narrativa.

¹⁷ BERGER, Op. cit., p.19, nota 10

¹⁸ Ibid, p. 22 (Grifo nosso).

¹⁹ FREUD, Op. cit., p. 113-114, nota 5.

²⁰ Freud sublinhara: “O homem civilizado trocou uma parcela de suas possibilidades de felicidade por uma parcela de segurança” (Ibid, p. 137).

²¹ BERGER, Op. cit., 18, nota 10.

²² Ibid, p. 23.

Nesse caso, os valores absolutos, especificamente a moral e a religião, fizeram os homens repudiarem o fator caracterizante daqueles que são “autoritários e violentos” e, por conseguinte, ensinaram-lhes a “odiar e desprezar o que forma o traço fundamental do caráter dos dominadores: *sua vontade de potência*”.²³

Desse modo, a postura cínica do narrador aponta para a presença do niilismo ao negar à vida e a potência criadora do homem, imputando a um ser superior suas ações. Ironicamente, ele lança mão da figura deificada personificada no salmo para legitimá-las, sobretudo, a grande obra “aquela que reservaria um lugar ao lado do Criador”²⁴, que consiste justamente em eliminar o personagem Deolindo Chagas. Diante disto e dos epítetos de “corrupto”, “violento” e “big boss” a este atribuídos, cabe uma reflexão: o prenome é composto pelas partes latinas “Deo” (Deus) e “lindo” do latim *limpidus* (limpo/puro); como antropônimo, de origem germânica, significa “serpente do povo”, “escudo do povo”; já “Chagas” é sobrenome de origem religiosa e invoca as chagas de Cristo²⁵.

Numa ironia mordaz, Berger refere-se ao deputado com a seguinte frase: “estava sem papel para *limpar* a parte do seu *corpo com a qual se assemelhava a sua alma*”²⁶. Em verdade, o nome do personagem em nada condiz com seu caráter – aquele pelo qual o narrador nutre certa admiração, ponto que ratifica ainda mais sua hipocrisia. No fragmento destacado, observa-se o corpo subjugado à limpeza. Corpo e sujeira são postos no mesmo nível. O sentido daquele delineado no trecho acima é o da alma-ventre, cuja acepção platônica diz respeito à imperfeição, ao erro, à conturbação, à libido. Será, pois, a ação de efetuar a limpeza que elevará o narrador “à categoria de semideus”, visto que realizará o “gesto humanitário”²⁷ necessário para tal. O personagem Deolindo Chagas representa, conforme já mencionado, instância de força que perturba a ordem platônica. Percebe-se, portanto, porque Berger, ironicamente, nomeia-o assim: nada tem aquele de límpido; suas ações contradizem o significado de seu nome. Como nos diz o narrador, ele estava ali “fedendo como qualquer um”²⁸ e, precisaria ser evitado, eliminado. Com relação a isto, Soares lucidamente observa que “[...] a parte relativa ao nosso baixo-ventre, que nos indicia como animais, como seres que defecam, tem sexo [...], enfim essa parte, chamada por Platão de alma-ventre, seria [...], o inverso do mundo ideal, representando, nesse sen-

²³ NIETZSCHE, Op. cit., p. 70, nota 3.

²⁴ BERGER, Op. cit., p. 22, nota 10.

²⁵ NASCENTES, Antenor. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Tomo II (Nomes próprios). Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1952, p. 71 e 89.

²⁶ BERGER, Op. cit., p. 24 (Grifo nosso), nota 10.

²⁷ Ibid, p. 25.

²⁸ Ibid, p. 25.

tido, tudo que devemos evitar, a fim de nos aproximarmos, durante nossa existência, do mundo ideal".²⁹

É, assim, no "quarto de despejo"³⁰ da alma-ventre que deve ficar recluso o instinto, a força humana, para não perturbar a ordem da cidade. No entanto, nesse cenário, a higienização do mundo financiada pelo pensamento racional veio a produzir, entre outras coisas, extrema violência, repressão, cinismo. Nietzsche, em citação messiânica já antevia: é "a impotência contra os homens, não a impotência contra a natureza, que gera a mais desesperada amargura contra a existência"³¹. A obsessão pela pureza e ordem, no conto, revela a decadência da solução existencial criada pelo platonismo e pelo Cristianismo, geradores de niilismo e impotência. Além do mais, emergem da escritura bergeriana os "mundos recusados" de "existências inexistentes"³², asfixiadas até então pela máscara de homens civilizados, mas que, em verdade, não suportando o peso desse mal-estar civilizatório, apontam para a perspectiva cínica.

Em "Cinismo – Caminho necessário da contemporaneidade?", MD Magno posiciona-se a "favor da expressão de todo e qualquer Cinismo". Debruçando-se sobre a questão do cinismo difuso e contrapondo-se à perspectiva de Peter Sloterdijk de que o Kinismo ou Canismo antigo seria o melhor caminho a ser trilhado pelo homem na pós-modernidade, o autor sugere que assumamos que "há Cinismo"; que os "Humanos são Cães e são Porcos"³³. A afirmação de uma postura cínica, segundo Magno, corroboraria para trazer à tona as contradições e contraposições do mundo contemporâneo, impossibilitando, por conseguinte, a afirmatividade de qualquer Formação. Quer dizer que toda intenção de impor uma Formação (esta aqui entendida como a produção de paradigmas desenháveis a serem seguidos) resultará em cinismo, seja ele enrustido ou descarado? Para MD Magno sim. A encenação exposta no "Salmo 58" converge para tal assertiva. Aqui, o leitor depara-se com o cinismo camuflado na figura do homem bom da moral que exerce os valores instituídos e anseia a um mundo Verdadeiro, Bom e Belo. A postura do narrador-protagonista, embora dissimulada, sombreia a de outros sujeitos ao justificar suas ações a partir de um ser sobre-humano. Talvez por isso, ele não é nomeado, podendo assim ser a personificação de qualquer homem.

Conforme desenhou-se no "Salmo 58", em tons mais fortes, Marco Berger pinta em "O corredor" a fauna que habita a cidade. Neste último,

²⁹ SOARES, Op. cit., p. 18, nota 11.

³⁰ Ibid, p. 18.

³¹ NIETZSCHE, Op. cit., p.70, nota 3.

³² SOARES, Op. cit., p. 18 e ss, nota 11.

³³ MAGNO, Op. cit., p. 54-56, nota 9.

o narrador-protagonista, Evandro, é a marca do cinismo descarado, pois trata-se de um *voyeur* que se propõe a recolocar a ordem natural da existência no seu devido lugar. Para tanto, inescrupulosamente, ele mente e trai. Move-o o amor narcísico e também interesseiro que nutre por outro personagem, o velho Nyx, cujo desdobramento aponta para sua atitude niilista e cínica. Esse tipo de amor, contrário aos dogmas da tradição cristã, é o estopim que revela o sujeito (des)vivendo, subjugado pelo peso esmagador da rotina. O cotidiano daquele resume-se em observar da janela de seu apartamento a “fauna diversificada”.³⁴

Como se sabe, ordem, pureza, trabalho e, no caso, a rotinização da existência são mecanismos de regulação fundados pelo pensamento racionalista com o “objetivo de assegurar a ordem social e garantir o processo de acumulação de capital”.³⁵ A rotina é considerada um aparelho asfíxiador da atitude criativa desse sujeito; impossibilitando-o ser contemporâneo de si mesmo. Nesse caso, a rotina do *voyeur* bergeriano é quebrada pela visão do sátiro Nyx – exemplo de desordem e potência: “[...] Não me interesso por mais nada que não seja o velho e suas traquinagens. Passo dias esperando por ele. Quando aparece, é um Deus nos acuda. Derruba banca de verdura, risca carro na frente do dono, bate em criança com os pais por perto, rouba, tripudia, sacaneia, e sempre se dá bem [...]”³⁶. Recuperemos o que diz Nietzsche a respeito da importância do sátiro junto ao povo grego:

[...] a natureza, na qual ainda não laborava nenhum conhecimento, na qual os ferrolhos da cultura ainda continuavam inviolados – eis o que o grego via no seu sátiro, que por isso mesmo não coincidia ainda com o macaco. Ao contrário, era a proto-imagem do homem, a expressão de suas mais altas e mais fortes emoções, enquanto exaltado entusiasta que a proximidade do deus extasia, [...] enquanto anunciador da sabedoria que sai do seio mais profundo da natureza, enquanto símbolo da onipotência da natureza, que o grego está acostumado a considerar com reverente assombro[...].³⁷

Portanto, força, longevidade, instinto, riso, prazer são atributos do velho Nyx associados por Berger por meio do elemento fantástico: “A cada metro, quadra após quadra, vejo o velho evoluir regressivamente,

³⁴ BERGER, Marco. “O corredor”. In: *Suíte Verde Jaspe*. Vitória, Provincia Culta, 2005, p. 67.

³⁵ WEBER, apud ROUANET, Sergio Paulo. Op. cit., p. 231, nota 4.

³⁶ BEGER, Op. cit., p. 69, nota 34.

³⁷ NIETZSCHE, Friedrich W. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. Tradução, notas e posfácio: J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 57.

transfigurar-se em outro homem, pela fantástica inversão da velhice em juventude. Quanto mais ele corre, mais moço, rápido e forte se torna"³⁸. A potência daquele está, pois, associada ao corpo, cuja relevância, cabe lembrar, foi relegada a segundo plano pelo instituto da razão. É pertinente citar o autor de *Para além do bem e do mal*: "Maturidade do homem significa o reencontro com a seriedade que se tinha nas brincadeiras de infância"³⁹. É esse encontro e o seu resultado que observamos na postura criativa e desconstrutora de tal personagem: o caráter de seriedade, preocupação, objetividade, espírito e cálculo gestado pelo modelo platônico-cristão é satirizado por Nyx. Através deste personagem, o ficcionista expõe o embate entre corpo e espírito, afirmando por conseguinte, ao nosso ver, a supremacia do corpo (prazer, gozo, riso, alegria) em detrimento do asceticismo espiritualista: "[...] meu corpo só produz hedonina. Diante do meu ar inquisidor, ele ri e diz que hedonina é o hormônio do prazer. É o que o mantém sempre saudável"⁴⁰.

Um aspecto importante da questão que ora discutimos refere-se à presença da antropofagia n"O corredor" – fato que joga ainda mais luz sobre tal personagem. Em determinada altura do relato, após ser observado de perto pelo narrador-protagonista, que torna-se seu sequaz e parceiro em diversas traquinagens, o velho Nyx é atraído para uma armadilha fatal. Seu corpo é implacavelmente destroçado pelos três cães rottweiler do narrador, servindo, em ritual antropofágico, de alimento para os animais e seu dono. É nesse ritual que Evandro aprende sua essência e passa a usar seu nome por julgá-lo, acreditamos, superior. Essa superioridade, aos olhos do narrador, decorre justamente da postura insubmissa e arrogante de Nyx ao "excluir a moralina do seu mundo" e ao fazer a sua própria vontade"⁴¹.

Estilhaçando as premissas da moral cristã que apregoavam a submissão, a humildade e a odiar e desprezar o que é marcante nos dominadores - a vontade de potência - esse personagem é sinônimo de alegria, des(ordem), vitalidade. Não se trata de um ser débil que engrossa a massa de decadentes elencada por Nietzsche, ao contrário, representa a ruptura com o equilíbrio; nega os valores absolutos; é a vontade de potência personificada. Se tomarmos a palavra vitalidade na acepção de qualidade de vital e força vital; vigor poderemos dizer, então, que Nyx é modelo de niilismo ativo: corpo estranho necessário, especificamente ao rememora-

³⁸ BERGER, Op. cit., p. 7, nota 34.

³⁹ NIETZSCHE, Friedrich. *Para além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução: Alex Marins. São Paulo: Martin Claret, 2003, (aforismo 94).

⁴⁰ BERGER, Op. cit., p. 72, nota 34.

⁴¹ Ibid, p. 73 (Grifo nosso).

mos o malogro do sonho de felicidade cultivado pela civilização moderna no solo infértil da Razão, Ordem, Pureza, Espírito...

A partir do exposto, a empreitada levada a cabo pelo narrador desvela seu cinismo. Marco Berger traceja diante do leitor o homem kinico (na concepção do filósofo Diógenes) e cínico (sentido mais difuso): um ser que “partilha afeto e confiança tão-só por seus três cães rottweiler” e que, dissimuladamente, apresentando-se como servo do Criador, dispõe-se a eliminar “uma criatura insubmissa [...] pretenciosa no direito de ser eterno como Ele” - no caso aqui, Nyx. No entanto, incorporando a potência deste, o narrador coroa-se uma espécie de Deus por ser “eterno aos 42 anos”.⁴²

O desejo pela divindade – também presente no “Salmo 58” - pode ser lido ainda como uma ironia bergeriana ao fato de o homem sempre buscar em algo sobre-humano a força e a potência presente em si: “[...] o sentimento do poder quando de forma repentina e subjugadora se apodera do homem [...], provoca nele uma dúvida sobre sua pessoa: não se atreve a pensar em si mesmo como causa deste sentimento assombroso, e por isso, estabelece para estes casos uma personalidade mais forte, uma divindade”.⁴³

Além de índices históricos, vislumbra-se nos contos do ficcionista nomes que remetem às figuras da mitologia grega, suscitando conotações que oscilam entre caracterizações de personagens ou exprimem a intenção irônica do escritor. A sua procedência estabelece nos textos uma conjugação com o niilismo e o cinismo. Este último, na acepção diógeniana preceituava a vida canina como paradigma. Por conseguinte, o niilismo resulta de uma descrença ou recusa de crenças e convenções que ofereçam um sentido consistente à vida. Vale lembrar, aqui, que Nietzsche em *O nascimento da tragédia* remonta justamente à “serenojovialidade” do povo grego para combater à “hostilidade à vida”, à “vontade de declínio”⁴⁴ impregnadas no Cristianismo. Não sem motivo, Berger lança mão da mitologia e da onomástica grega para nomear seus personagens.

Permeado de cores e significados, os nomes em “O corredor” ganham conotações interessantes. O narrador-protagonista chama-se Evandro. Do grego *Eúandros*, significa “homem varonil, valente”⁴⁵. Atenemos para estes adjetivos: indubitavelmente, denotam força e vigor; atributos que aquele inicialmente demonstra não ter, posto que vive apassivado pela rotina dos dias. Só ulteriormente (após o encontro com Nyx) tais epítetos ganham sentido. Nyx, na mitologia grega, é a personi-

⁴² Ibid, p. 74-75.

⁴³ NIETZSCHE, Op. cit., p. 120, nota 3.

⁴⁴ Id., *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*, p. 19, nota 37.

⁴⁵ NASCENTES, Op. cit., p. 107, nota 25.

ficação da noite. Tida como irmã do Caos, a deusa Nyx é vista como um dos primeiros seres a vir à existência sendo, conseqüentemente, responsável pelo existir de outras deidades⁴⁶. Desse modo, o nome atribuído ao velho Nyx afina-se com sua postura e ações no relato, cujos significados remetem ao primevo, à desordem – momento em que o homem não havia embarcado no navio da domesticação humanista: “O velho entra em campo, coloca a bola sob o braço e sai. Surpreendidos com o inusitado da cena, os peladeiros se dividem [...]. O velho não diminui o passo, apesar das ameaças[...]. Quando dão por si, ele já vai longe. [...] os dois que tentam encontram [...], apenas uma *bola furada e o eco das gargalhadas distantes do ancião*”.⁴⁷

Vale frisar que Nyx foi deglutido no beco do Aristeu. De origem grega (*Aristeús*), este é o nome do filho de Apolo e Cirene⁴⁸ e remete por herança ao equilíbrio, à ordem, à razão, etc. Todavia, a caracterização dada ao local, “beco *fedorento*”, nos permite vê-la como uma crítica bergeriana ao pensamento racionalista. Por que o cerimonial antropofágico se daria em um ambiente fétido? Sabe-se que a história da civilização, sobretudo a partir da tacanha metafísica platônico-cristão, fundamentou-se em idéias que não lograram êxito em seu objetivo de promover a felicidade humana. Assim, acreditamos que a assimilação da potência do sátiro Nyx em local sujo e impuro, contrário aos ideais de limpeza, ordem e pureza, já delineia a ruptura com o nosso presente ressecado e esquelético, responsável por suplantar Eros, mas por alavancar Tânatos.

A investigação do topônimo possibilita, ainda, lê-lo - e nos parece uma possibilidade de leitura coerente - como uma espécie de passagem do tempo, se atentarmos que Apolo, após o nascimento de seu filho, Aristeu, confiou-o as estações (horas). Isso somado ao diálogo do título (“O corredor”) com a epígrafe, de Santo Agostinho (“O tempo é uma distensão”) que abrem a narrativa, torna-se um cerne significativo: 1) o emprego do artigo definido, no título, acusa que não se trata de um corredor qualquer; 2) corredor exprime a idéia de passagem estreita e longa; 3) o termo “distensão” aponta para estender em vários sentidos. Todos esses aspectos entrelaçados deixam entrever, conquanto implicitamente, outras possibilidades de olhar: “[...] o mundo não é algo dado de uma vez por todas, senão uma realidade a descobrir, a interpretar, a valorar, a falsificar, a criar”.⁴⁹

⁴⁶ WILKEPEDIA. Enciclopédia eletrônica. Disponível em < <http://www.wilkepedia.com.br>. Acesso dia 07/08/06.

⁴⁷ BERGER, Op. cit., p. 68 (Grifo nosso), nota 34.

⁴⁸ NASCENTES, Op. cit., p. 26, nota 25.

⁴⁹ NIETZSCHE, Op. cit., p. 16, nota 3.

III – CONCLUSÃO

Enlaça os narradores-protagonistas à similitude de suas ações: niilista e cínica. No palimpsesto bergeriano, observamos que as narrativas em questão, ao negarem a vida explicitamente, recusam na verdade os valores que a coíbem. Nesse processo, das formas de niilismo - manifestações de uma das qualidades de nossa vontade de poder, qualidade negativa vale dizer-, convertendo-se o negativo em afirmativo, poderão brotar novos valores.⁵⁰

Harmônicos, os contos de Berger nos fazem refletir sobre os antagonismos das concepções totalitárias e suas conseqüências na construção da civilização. Reverberando sobre o consolo metafísico contido na tragédia, Friedrich Nietzsche sublinha que a arte “tem o poder de transformar aqueles pensamentos enojados sobre o horror e o absurdo da existência em representações com as quais é possível viver”⁵¹. Assim, dialogando com essa assertiva, expandindo fina ironia, a escritura bergeriana, ao desconstruir as premissas que se colocam como tal, mostrando que as mesmas são, na verdade, argumentos, transforma a percepção do leitor, desvelando-lhe a crueza do homem: os tortuosos caminhos por onde deambula, as escadas escorregadias que sobe, os porões fétidos que desce; enfim, a humanidade e os seus alicerces postos a nu. O artefato arte refletindo sobre outros artefatos.

⁵⁰ Para os seguintes autores, estes valores já estão em curso: Santos, ao analisar a racionalidade científica (de cunho totalitário), destacando a crise epistemológica que tal paradigma vem sofrendo, acredita que ela traz consigo “o perfil de um paradigma social” intitulado pelo autor como “paradigma para uma vida decente” e que tem como pontos importantes os princípios da comunidade e da racionalidade estético-expressiva. Ver: SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para um novo senso comum: a ciência, o direito e a política na transição paradigmática*. 3^a ed. São Paulo: Cortez, 2001, p. 55-117. Negri e Hardt postulam o amor ao comum; um resgate da relação face a face; da multidão. Os autores levantam a tese de que o sujeito que interessa, hoje, é o pobre no comum, posto que a tribalização reforça, justamente, a particularização e com ela poucos ganham. Quanto menos comum maior o Império. Ver: NEGRI, Antonio. *Kairòs. Alma Venus. Multidão*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003, p. 209-231; HARDT, Michael e NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do império*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005, p. 175-205. 2001, p. 55-117.

⁵¹ NIETZSCHE, Op. cit., p. 56, nota 37.

